

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978

anel, trata dos problemas da difusão e comercialização das pedras, define a traços largos a evolução temática e estilística da glíptica, evolução à qual a colecção de Luni não traz grandes elementos novos.

A introdução, pela variedade dos problemas que aborda, pela clareza da exposição, pela rapidez da síntese, pelo enquadramento bem observado das pedras de Luni em classes ou grupos que se definem pela técnica e pelo estilo, constitui uma valiosa introdução ao estudo da glíptica.

Os comentários a cada peça, insertos no catálogo, indicam os paralelos mais relevantes, sem pretender esgotar a bibliografia, o que seria puro exercício de erudição.

Uma tábua de concordância entre os números do catálogo e os do inventário do museu de Florença, índices de materiais, técnicas, temas, estilos e artistas, localidades e autores citados completam esta obra incluída por G. Bretschneider na sua colecção *Archaeologica*, 4.

J. ALARCÃO

John W. HAYES, *Roman Pottery in the Royal Ontario Museum. A Catalogue.*

Toronto 1976. 1 vol., IX + 69 p., 53 est.

Um ano após a saída do catálogo sobre os vidros (vid. «Conimbriga» XIV, p. 200) o Royal Ontario Museum apresenta-nos, assinado pelo mesmo autor, mais um estudo exemplar sobre uma secção importante das suas colecções.

Trata-se de cerâmicas romanas e paleocristãs — datáveis entre os séc. i a.C. e vii d.C. — provenientes das regiões mediterrânicas do Império romano e adquiridas por compra, desconhecendo-se para quase todas a origem exacta e em todos os casos as condições do achado. Tais circunstâncias reduzem enormemente o valor da colecção e o seu interesse para o arqueólogo. A qualidade das peças justifica, porém, o cuidado com que são divulgadas e alguns exemplares merecem a atenção dos especialistas pela novidade que juntam à classe a que pertencem ou por uma ou outra característica específica.

As peças são apresentadas por categorias cerâmicas com excepção de dois conjuntos cuja origem, particularmente significativa, é conhecida: Arezzo e Ventimiglia.

O Autor não se alonga em sínteses introdutórias nas quais seria obrigado a repetir matéria já muito conhecida. Também não nos dá apenas um catálogo seco. Inteligentemente, abre cada secção por uma curta bibliografia actualizada e variada (incluindo publicações portuguesas).

Entre as *sigillatas*, regista-se a presença, aparentemente única, da marca em duas linhas FELIX / L. TITI (?) em cálice (n.º 54) cujas forma e decoração são indícios seguros de uma datação relativamente tardia (10-25 d.C. segundo

o Autor); a existência de alguns outros bons exemplares de formas decoradas com relevos aplicados (n.ºs 24, 25, 60 e 61) ainda mais tardios e importantes para a definição das produções tardo-italica e locais (as quatro peças são marcadas); a presença de um *skyphos* (n.º 29) muito grosseiro com decoração de barbotina cujo fabrico se atribui ao período 60-90 d.C. ou possivelmente ainda depois.

Uma taça (n.º 69) com perfil próximo da forma Drag. 35 mas cujo bordo é plano e soerguido, constitui uma das peças mais curiosas desta categoria. O Autor compara o seu fabrico com o n.º 25 e atribui-lhe a mesma datação (c. 60-80 d. G.) mas a uma origem itálica prefere, ainda que interrodamente, a Gália do Sul; aproxima-a dos tipos Ritterling 14 e Camulodunum forma S 20. Pela nossa parte, julgamos útil pôr em evidência a sua estreita relação com taças de vidro da mesma forma, em voga na segunda metade do séc. I d.C. e que contam a Itália entre os seus possíveis centros de fabrico (Vid. *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 170).

Importante para quem se dedique ao estudo da difusão da *sigillata* gálica é a observação de que nove das peças apresentadas e anteriormente publicadas por H. Comfort (*Nine Terra Sigillata Bowls from Egypt*, «AJA», 41 (1937), p. 406-410) não provêm efectivamente do Alto e do Baixo Egipto, como então se supunha.

Menos directamente úteis para o arqueólogo português são os fabricos palestinianos e os egípcios que contam alguns exemplares excelentes. Pelo contrário, interessar-lhe-ão as pequenas colecções de *sigillata* clara e paredes finas, bem como algumas peças avulsas de cerâmica comum, nomeadamente um vaso com mascarão (n.º 151) e um cantil (n.º 153), que embora ilustrando tipos conhecidos, são óptimos exemplares para comparação. Em nosso entender, algumas das datas apontadas deverão ser utilizadas com mais reservas do que as que o Autor deixa supor.

ADILIA ALARCÃO

Ranuccio Bianchi BANDINELLI, *Introduzione all'Archeologia classica come storia dell'Arte antica*, Bari, Universale Laterza, 1976, XXVII + 150 p., 16 ilustrações.

É sempre agradável constatar a publicação, numa colecção de livros de bolso, de matérias que, em geral, só são acessíveis em volumes caros.

Com a excepção do Prefácio, que tem por título «L'archeologia come scienza storica», trata-se aqui da edição póstuma do texto que circulava sob a forma de «dispense universitarie» (sebentas) e que apresenta resumidamente as ideias do autor disseminadas aqui e acolá na sua vasta obra. No primeiro capítulo anuncia-se o duplo objectivo que se tem em vista: «uno é quello di tracciare brevemente la storia di un aspetto particolare di questa disci-